

O Carvão que não se Lava: Onomástica Banto e a Clínica dos Espectros Coloniais.

Autor: Francisca Manuela Martins Wille, Ph.D. | franciscamartins1269@hotmail.com | Instituto Superior Politécnico Cardeal Dom Alexandre do Nascimento- ISPCAN | <https://orcid.org/0000-0002-9407-3002>

Recebido: Agosto, 2025 | **Aceite:** Setembro, 2025 | **Publicado:** Janeiro, 2026

RESUMO

Este artigo propõe uma revisão crítica da metapsicologia psicanalítica clássica, confrontando-a com as especificidades do psiquismo africano, especificamente de matriz banto. O objetivo central é investigar como a onomástica e os traumas transgeracionais decorrentes do período colonial estruturam o sintoma na clínica contemporânea. A fundamentação teórica ancora-se na "Metapsicologia da Linhagem" de Sow, I. e nos conceitos de "Cripta e Fantasma" de Abraham e Torok, estabelecendo um diálogo com a obra de Fanon F. Metodologicamente, o estudo utiliza a "Arqueologia do Afecto" aplicada a dois estudos de caso: um focado na eficácia simbólica de

interdições ancestrais (maldições) e outro na transferência colonial manifestada em conflitos conjugais. A análise da onomástica de linhagens como Wegya Kamulongwe e Mysula dya Calunga revela que o nome tradicional atua como um pilar ontológico de resistência, simbolizado pela metáfora "Makala katu kusukula" (o carvão que não se lava). Conclui-se que a descolonização da clínica exige a restituição do nome original e a pacificação dos ancestrais através da travessia simbólica de Calunga, reafirmando a imutabilidade da identidade africana frente às tentativas históricas de apagamento cultural.

Palavras-chave: **Psicanálise Africana. Onomástica Banto. Trauma Transgeracional. Descolonização.**

ABSTRACT

This article proposes a critical revision of classical psychoanalytic metapsychology, confronting it with the specificities of the African psyche, specifically of Bantu origin. The central objective is to investigate how onomastics and transgenerational traumas resulting from the colonial period structure the symptom in contemporary clinical practice. The theoretical framework is anchored in Ibrahima Sow's "Metapsychology of Lineage" and Abraham and Torok's concepts of "Crypt and Phantom," establishing a dialogue with the work of Frantz Fanon. Methodologically, the study uses the "Archaeology of Affect" applied to two case studies: one focused on the

symbolic efficacy of ancestral interdictions (curses) and another on colonial transference manifested in marital conflicts. The analysis of lineage onomastics such as Wegya Kamulongwe and Mysula dya Calunga reveals that the traditional name acts as an ontological pillar of resistance, symbolized by the metaphor "Makala katu kusukula" (the coal that cannot be washed). It concludes that the decolonization of clinical practice requires the restitution of the original name and the pacification of ancestors through the symbolic crossing of Calunga, reaffirming the immutability of African identity in the face of historical attempts at cultural erasure.

Keywords: **African Psychoanalysis. Bantu Onomastics. Transgenerational Trauma. Decolonization.**

INTRODUÇÃO

Historicamente, a psicanálise consolidou-se como uma disciplina voltada para a exploração do mundo interior, centrando-se na biografia individual e nas dinâmicas pulsionais do sujeito. Contudo, ao transpor este saber para o contexto africano, deparamo-nos com a necessidade urgente de uma revisão epistemológica. O sujeito africano não se constitui apenas através de uma ontogênese isolada, mas como um nó numa vasta rede de filogênese e ancestralidade. Nesse sentido, o presente artigo propõe uma "Arqueologia do Afeto" que reconhece o inconsciente como um território onde ecoam vozes de linhagens passadas e cicatrizes de traumas históricos.

A problemática central desta investigação articula-se em torno de quatro eixos fundamentais que estruturam o desenvolvimento deste trabalho. No Capítulo I, intitulado "A Metapsicologia da Linhagem e o Equilíbrio Mesológico", estabeleceremos o enquadramento teórico fundamental. Partiremos das premissas de Sow, I., M., para definir a estrutura da pessoa na África Negra, onde o "Eu" não é uma instância fechada, mas um elemento em constante diálogo com o cosmos e a ascendência. Nesta etapa, discutiremos como a saúde psíquica depende da harmonia com a linhagem, introduzindo o conceito de "identidade sob custódia da memória", que servirá de base para toda a análise clínica subsequente.

Dando continuidade à reflexão, no Capítulo II, examinaremos a Onomástica como Arquitetura do Ser. Analisaremos como o nome em língua materna — exemplificado pela linhagem de Wegya Kamulongwe, não é um mero rótulo, mas um recipiente de força vital e destino. Discutiremos a violência do batismo colonial como uma tentativa de "lavagem" da alma, contrapondo-a à resistência metafísica do "Makala katu kusakula" (o carvão que não se lava), uma metáfora que assegura a imutabilidade da essência africana perante a aculturação.

Em um terceiro momento, o Capítulo III debruça-se sobre a Eficácia Simbólica e a Patologia da Linhagem. Neste ponto, investigaremos como a palavra proferida por um ancião ou uma interdição ancestral atua com força de lei biológica no psiquismo. Através de

um estudo de caso sobre maldições e perda de prole, demonstraremos que a "Cripta" familiar — o segredo não dito — pode paralisar a vida dos descendentes, exigindo uma clínica que saiba ouvir os silêncios das gerações anteriores.

Finalmente, no Capítulo IV, abordaremos os Espectros Coloniais e a Metafísica de Calunga. Dessa forma, exploraremos como traumas históricos de extrema violência, como a decapitação ancestral, deixam "fantasmas" que colonizam o leito conjugal e as relações afetivas contemporâneas. Utilizaremos o conceito de Calunga para entender o mar como o limiar psíquico onde a dor da separação colonial deve ser processada e integrada.

Em última análise, este artigo justifica-se pela urgência de descolonizar a clínica psicanalítica. Ao unir a linguística, a história e a metapsicologia, pretendemos demonstrar que a cura em África passa, invariavelmente, pelo resgate do nome e pela pacificação dos ancestrais.

CAPÍTULO I – A Eficácia Simbólica e a Lei da Ancestralidade

1.1. A Palavra como Estrutura Legisladora do Psiquismo

Fundamentalmente, na clínica psicanalítica africana, a palavra proferida por uma figura de autoridade tradicional — como o ancião no Estudo de Caso I — transcende o mero evento linguístico para constituir-se como um ato performativo. Nesse sentido, recorremos a Claude Lévi-Strauss (2008) e ao seu conceito de Eficácia Simbólica: a palavra não descreve apenas uma realidade, ela a instaura. A crença coletiva e a autoridade do emissor conferem ao verbo o poder de reorganizar tanto a economia psíquica quanto a fisiologia do sujeito.

Consequentemente, a maldição proferida no caso em tela — "ninguém da minha linhagem pode contrair matrimônio com pessoas da aldeia x", não é recebida pelo inconsciente como uma superstição, mas como uma "lei psíquica" irrevogável. Sob a ótica de Sow (1978), este fenômeno desencadeia uma ruptura no "equilíbrio mesológico". Como o psiquismo africano está inserido numa rede de conexões verticais (ancestrais) e horizontais (comunidade), a violação dessa interdição gera um conflito de lealdade insuportável.

Dessa forma, o corpo da paciente passa a ser o palco de uma "colonização somática", onde a interdição verbal se transmuta em sintoma reprodutivo, sacrificando a prole para garantir a obediência à linhagem.

1.2. O Simbolismo Onírico: As Pernas e a Sustentação da Linhagem

No que concerne à manifestação onírica, os sonhos recorrentes com porcos que devoravam as pernas da paciente revelam a comunicação direta entre o recalçado transgeracional e a consciência. Enquanto a interpretação freudiana clássica poderia reduzir o porco a uma pulsão instintiva ou desejo reprimido, a Etnopsicanálise identifica no animal o "executor da sentença".

Sob esta perspectiva, as pernas simbolizam a base e a locomoção da linhagem. O ataque dos animais à base do corpo representa a tentativa da maldição de impedir que aquela união "caminhe" ou frutifique no solo proibido. O sonho funcionou, portanto, como o "retorno do recalçado social": a paciente, embora ignorasse intelectualmente a história da tia, trazia em seu registro psíquico a dívida de sangue da sua ascendência. A imagem onírica forçou o ego a confrontar o solo de onde vinha a sua própria sustentação.

1.3. A Cripta da Tia e o Fantasma da Morte Súbita

Aprofundando a análise, aplicamos a teoria de Abraham e Torok (1995) sobre a "Cripta". A morte súbita da tia — um evento traumático selado por uma vingança não elaborada — foi encerrada num silêncio familiar absoluto. Todavia, o que é silenciado na primeira geração tende a "vazar" como sintoma na terceira. A paciente não estava apenas gestando um filho; ela estava, simbolicamente, "grávida" de um segredo de morte.

É crucial notar que o destino dos filhos da paciente (que morriam ao nascer ou no ventre) espelhava a paralisia do tempo familiar desde a morte da tia. A intervenção clínica, ao sugerir o diálogo com o pai, permitiu a "abertura da cripta". Ao nomear o trauma original e a maldição, o clínico possibilitou que a energia psíquica, antes presa na repetição mortífera, fosse convertida em representação verbal. Em última análise, a revelação da história permitiu a desvinculação do destino trágico, transformando o "fantasma" que assombrava a linhagem num ancestral pacificado pela palavra.

CAPÍTULO II – Espectros Coloniais e a Decapitação do Ser

2.1. A Transferência Colonial e o Ódio Inexplicável

Em contrapartida ao conflito intrageracional analisado anteriormente, o Estudo de Caso II introduz a dimensão da Transferência Colonial na clínica contemporânea. A paciente, apesar de manter uma relação estável com o seu parceiro europeu, manifestava crises de ódio súbito e uma repulsa física que desafiavam a lógica do desejo individual. Neste contexto, a psicanálise tradicional poderia buscar explicações numa ambivalência edípica; todavia, a Etnopsicanálise e o pensamento de Frantz Fanon (2008) sugerem que o parceiro branco é frequentemente investido com o peso simbólico do colonizador.

Consequentemente, o ódio da paciente não era dirigido ao homem em sua individualidade, mas àquilo que ele representava no teatro da memória coletiva. Como bem aponta Achille Mbembe (2014), o colonialismo instaura uma "relação de inimizade" que sobrevive à independência política, alojando-se no inconsciente. Dessa forma, o consultório torna-se o palco onde uma guerra histórica, nunca devidamente encerrada, continua a ser travada entre os lençóis.

2.2. A Decapitação Ancestral como Castração da Linhagem

Um ponto crucial desta análise reside na descoberta do segredo familiar: a decapitação do tataravô por tropas coloniais. Sob a ótica da metapsicologia africana, a cabeça é a sede do Ori (destino e força vital); portanto, o ato de decapitar um ancestral não é apenas um homicídio, mas uma tentativa de aniquilação da linhagem futura.

Diz-se, então, que este trauma instaurou uma "ferida narcísica" na genealogia da paciente. A separação violenta entre a cabeça e o corpo do antepassado espelhava-se na cisão psíquica da paciente: ela amava o homem (a cabeça/intelecto), mas o seu corpo (o corpo da linhagem) reagia com o ódio do trauma não processado. Portanto, a decapitação funciona aqui como uma castração histórica real, que interrompeu a transmissão da honra e do nome, deixando um "vazio de sentido" que o sintoma tentava preencher.

2.3. O Fantasma Transgeracional: Da Cripta à Reconciliação

Aprofundando a discussão teórica, o trauma da decapitação operou como o que Abraham e Torok (1995) denominam de "Fantasma". Ao contrário do recalçado comum, o fantasma é o trauma de um antepassado que, por ser inominável ou vergonhoso (a derrota colonial), não foi falado, mas "incorporado" pela geração seguinte. A paciente carregava em seu inconsciente a "cabeça decepada" do tataravô como uma presença muda que exigia vingança.

Em última análise, o processo de cura exigiu que o clínico atuasse como um "historiador do afeto". A revelação do segredo e a nomeação da violência sofrida pelo antepassado permitiram a Sutura Psíquica. Ao devolver, simbolicamente, a "cabeça" ao tataravô através do reconhecimento da sua história e do seu sacrifício, a paciente pôde desvincular o seu parceiro europeu do espectro do carrasco colonial. Assim sendo, a resolução do sintoma conjugal passou, invariavelmente, pela reparação de uma dívida de sangue transgeracional, permitindo que a vida voltasse a fluir para além da repetição traumática da história. Para operacionalizar os conceitos teóricos apresentados se fornece como sugestão um Plano de Intervenção Clínica que serve como um guia metodológico para terapias que actuam na intersecção entre a psicanálise e a cosmovisão africana.

CAPÍTULO III – Onomástica e a Metafísica de Calunga: O Resgate do Nome como Acto de Cura

3.1. O Nome Tradicional como Pilar Ontológico de Resistência

Em virtude dos factos mencionados, compreende-se que a cura psíquica no contexto banto exige a restituição do significante mestre: o nome de origem. Nesse sentido, nomes como Mysula dya Calunga e Wegya Kamulongwe não são meras designações linguísticas, mas o que Ngũgĩ wa Thiong'o (2015) define como o "transporte da cultura". Se o batismo colonial foi o ato de decapitação simbólica, o resgate do nome tradicional é a reconstituição do Ser.

Sob essa ótica, a expressão "Makala katu kusukula" (o carvão que não se lava) atua como um axioma clínico de resistência. Dessa forma, o analista deve interpretar o sintoma do paciente não como uma patologia, mas como a resistência do "carvão" que se recusa a ser branqueado pela aculturação. O nome funciona

como um "ponto de basta" que amarra o sujeito à sua linhagem, impedindo a fragmentação do ego diante do racismo estrutural. Aqui, a autoridade de Mysula dya Calunga (Pai) é central, pois é ele quem, como o Mar, transporta o nome e a lei, garantindo que a identidade não seja diluída pelo esquecimento colonial.

3.2. A Travessia de Calunga: Entre a Morte e o Renascimento

Ademais, o conceito de Calunga é fundamental para entender a geografia do inconsciente africano. Conforme Fu-Kiau (2001), Calunga representa a linha de água que separa o mundo dos vivos (Nza yayi) do mundo dos antepassados (Mpêmba). Portanto, o sofrimento analisado nos capítulos anteriores pode ser visto como uma alma "presa" nestas águas. A intervenção clínica como "Arqueologia do Afeto" permite ao paciente navegar por este limiar.

Ao nomear o avô, Mysula dya Mazanga, o sujeito mergulha nas águas paradas da memória profunda para buscar a sua fundação. Por conseguinte, a cura não é apenas o alívio de um sintoma individual, mas a pacificação da linhagem. O "Oceano Samba", citado na profecia da família, torna-se o símbolo da imutabilidade: enquanto as águas de Mazanga (Avô) alimentarem o fluxo de Calunga (Pai), a identidade africana não secará.

3.3. A Restituição do Nome como Descolonização do Inconsciente

Finalmente, o resgate da onomástica de figuras como Mysula dya Mazanga no espaço terapêutico constitui o ato final de descolonização psíquica. Uma vez que o sujeito recupera o seu nome de linhagem, ele recupera o acesso à sua própria história e autoridade intelectual. É nesta fase que a "sabedoria inata" de Wegya Kamulongwe (Esposo) deixa de ser um mito para tornar-se uma realidade clínica. Como Wegya representa o saber que não precisa de ser ensinado por vias coloniais, o saber inato que surge da união e do reconhecimento — ele simboliza a integração final. O paciente descobre que o saber necessário para a sua cura já estava neles, guardado pelos que vieram antes (Pai e Avô) e validado pela aliança presente.

Em última análise, a psicanálise em África deve ser uma prática de Sutura e Restituição. Ao unir os fragmentos da história (a cabeça ao corpo, o nome ao sujeito, o carvão à sua cor), o clínico permite que o sujeito habite o seu próprio nome com dignidade. Assim

sendo, o artigo encerra o ciclo demonstrando que a palavra que cura é a que nos devolve a nós mesmos, sob a proteção de Mazanga, a direcção de Calunga e a sabedoria de Wegya.

Plano de Intervenção: Clínica da Reconciliação Transgeracional

Este plano é uma ferramenta prática que transforma a teoria académica em ação transformadora no consultório.

Fase 1: Anamnese Genealógica (A Escavação)

Nesta fase, o objectivo é identificar se o sintoma (infertilidade, conflitos conjugais, sonhos repetitivos) possui raízes em eventos não processados da linhagem.

- Técnica: Construção do Genograma Analítico, focando em "buracos" na história familiar (mortes súbitas, migrações forçadas, maldições relatadas).
- Acção: Incentivar o diálogo com os anciãos da família para identificar "segredos de família" ou interdições proferidas por gerações passadas.

Fase 2: Confrontação com a Cripta (O Nomear)

Uma vez identificado o trauma (a maldição da aldeia ou a decapitação colonial), o terapeuta trabalha a diferenciação subjetiva.

- Intervenção: "Dar nome ao Fantasma". O terapeuta ajuda o paciente a separar a sua identidade da identidade do antepassado vitimado.
- Objectivo: Desvincular o paciente da Lealdade

Invisível. É o momento de verbalizar: "Eu reconheço o sofrimento do meu tataravô, mas o meu corpo não é o campo de batalha da sua vingança."

Fase 3: Mediação Simbólica e Performática (O Rito)

Dado que a maldição ou o trauma colonial atuam como leis "biologizadas", a intervenção exige um ato performativo para "limpar" o inconsciente.

- O Acto Psicomágico: Sugerir ao paciente a realização de um rito simbólico (independente de religião).

o Exemplo para o Caso I: Uma cerimónia de "partilha de pão ou água" entre as linhagens envolvidas, ou um gesto simbólico de enterrar a maldição.

o Exemplo para o Caso II: Um ritual de "restituição da cabeça" ao tataravô, através de uma carta de honra ou um monumento simbólico em sua memória, permitindo que ele descanse.

- A Palavra de Autoridade: Se possível, envolver um ancião vivo para proferir uma "Palavra de Benção" que anule a "Palavra de Maldição".

Fase 4: Integração e Nova Narrativa (A Autonomia)

A fase final foca na construção de um projeto de vida que não seja uma repetição do passado.

- Técnica: Reescrita da narrativa de vida. O paciente passa de "vítima de um destino ancestral" a "agente de uma nova linhagem".
- Foco Conjugual: No caso intercultural, o parceiro deixa de ser o "colonizador" para ser o aliado na construção de uma descendência que reconcilie os dois mundos.

Resumo dos Objetivos Terapêuticos

Etapa	Foco	Resultado Esperado
Diagnóstico	Trauma Transgeracional	Identificação do "Fantasma"
Processamento	Catarse e Verbalização	Quebra do Silêncio (Abertura da Cripta)
Reparação	Ato Simbólico / Rito	Anulação da Eficácia da Maldição
Finalização	Diferenciação do Ego	Autonomia Subjectiva e Paz Conjugual

CONTRATO DE ACOMPANHAMENTO PSICOTERAPÊUTICO: ABORDAGEM ETNOPSICANALÍTICA E ANCESTRAL

Livre e Esclarecido (TCLE) com esta especificidade é um passo crucial para formalizar a Psicanálise Africana como uma prática clínica ética e reconhecida.

Este documento deve salvaguardar tanto o terapeuta quanto o paciente, estabelecendo que a análise não se limitará ao campo individual, mas incluirá a investigação de linhagens, traumas históricos e o uso de simbologias ancestrais.

1. OBJETO E NATUREZA DO TRABALHO

O presente acompanhamento fundamenta-se na Psicanálise Africana (Etnopsicanálise). Diferente da abordagem clássica puramente ocidental, este método reconhece que o sofrimento psíquico do indivíduo pode estar interligado a:

- Traumas transgeracionais e "fantasmas" familiares;
- Interdições e mandatos ancestrais (maldições ou leis de linhagem);
- Impactos psicossociais da história colonial e da perda da onomástica (nomes de origem).

2. METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS

O paciente declara estar ciente de que o processo terapêutico poderá envolver:

- Arqueologia Familiar: Pesquisa ativa junto a anciãos e familiares sobre a história da linhagem e significados de nomes em língua materna;
- Análise Onírica Multicultural: Interpretação de sonhos utilizando a simbologia tradicional africana e a eficácia simbólica;
- Intervenções Performáticas: Sugestão de atos simbólicos ou ritos de reparação (não religiosos, mas de caráter psicomágico) para a pacificação de conflitos transgeracionais.

3. SIGILO E ÉTICA

O terapeuta compromete-se com o sigilo profissional absoluto, conforme o Código de Ética da Psicologia/Psicanálise. No entanto, o paciente consente que, para

fins de cura profunda, elementos da "história coletiva" da sua família possam ser trazidos à sessão, respeitando sempre a dignidade dos antepassados.

4. CONSENTIMENTO SOBRE A IDENTIDADE (ONOMÁSTICA)

O paciente reconhece que o resgate da sua identidade original (nomes em língua materna) poderá ser parte integrante do processo de fortalecimento do Ori (destino/identidade), como forma de contrapor a alienação do batismo colonial.

5. AUTONOMIA E LIMITES

O terapeuta atua como mediador entre a história e o sujeito. O paciente retém total autonomia para aceitar ou recusar as interpretações de cunho ancestral, compreendendo que o objetivo final é a sua descolonização psíquica e autonomia subjetiva.

Validação Profissional: Ele retira a prática do campo da "crença" e coloca-a no campo da metodologia clínica estruturada.

Proteção de Dados Sensíveis: Lidar com histórias de linhagem e nomes tradicionais exige um cuidado extra com a privacidade das famílias citadas.

Diferenciação: Mostra que o seu trabalho está na vanguarda de uma psicologia que respeita a soberania cultural africana.

CONCLUSÃO

A análise dos dois estudos de caso apresentados permite concluir que o psiquismo, no contexto africano, opera sob uma temporalidade circular, onde o passado ancestral e o trauma histórico não são eventos pretéritos, mas forças dinâmicas que coabitam o presente subjetivo. A convergência entre a maldição de linhagem (conflito endógeno) e o espectro colonial (conflito exógeno) demonstra que o sujeito africano lida com uma "dupla consciência" ou, mais precisamente, com uma identidade sob custódia da memória.

A principal contribuição deste trabalho para a Psicanálise Clássica reside na afirmação de que a cura, nestes contextos, transcende a interpretação do desejo individual. Ela exige o que denominamos de Arqueologia do afecto, um processo de escavação das camadas de silêncio familiar para reintegrar o sujeito na sua narrativa histórica. Como visto em ambos os casos,

a "verdade" que liberta não é uma abstração teórica, mas a revelação de um nome, de um rosto ou de um evento que foi "criptografado" pelo trauma.

O analista na clínica africana deve posicionar-se não apenas como a tela de projeção da transferência, mas como um mediador de sentidos. Ao sugerir a consulta aos anciãos ou ao nomear a decapitação colonial como uma castração simbólica, o clínico actua como um facilitador da "quebra da repetição". A intervenção clínica torna-se um ato de descolonização psíquica, permitindo que a paciente deixe de ser um "arquivo vivo" do sofrimento dos seus mortos para se tornar

a arquiteta do seu próprio destino.

Este estudo reforça a urgência de uma Etnopsicanálise que não reduza a cultura a um "folclore", mas que a reconheça como a própria gramática do inconsciente. O desafio para a psicologia contemporânea em África é o desenvolvimento de métodos que honrem a ancestralidade sem aprisionar o sujeito na tragédia. A reconciliação, seja ela com a aldeia vizinha ou com o parceiro de outra raça, só é possível quando o "fantasma" é transformado em "ancestral": quando o morto deixa de assombrar o vivo para passar a abençoá-lo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS NBR 6023

ABRAHAM, Nicolas; TOROK, Maria. A casca e o núcleo. Tradução de Maria do Rosário Pedreira. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

ALTUNA, Raul Iturria. Cultura Tradicional Banto. 2. ed. Luanda: Instituto Nacional de Indústrias Culturais, 2006.

BENEDUCE, Roberto. Corpo e História: Etnopsiquiatria e Violência Colonial. Tradução de Paulo Maria de Castro. Lisboa: Climepsi, 2010.

DIOP, Cheikh Anta. A unidade cultural da África Negra: esferas do patriarcado e do matriarcado na antiguidade clássica. Luanda: Edições de Angola, 1999.

FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
FREUD, Sigmund. Totem e Tabu (1913). In: Obras Completas, vol. 11. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FU-KIAU, Bunseki. African Cosmology of the Bantu-Kôngo: Tying the Spiritual Knot. New York: Athelia Henrietta Press, 2001.

LACAN, Jacques. Escritos. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Antropologia Estrutural. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

MBEMBE, Achille. Crítica da Razão Negra. Tradução de Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2014.

MILLER, Joseph C. Way of Death: Merchant Capitalism and the Angolan Slave Trade (1730-1830). Madison: University of Wisconsin Press, 1988.

NGŪGĨ WA THIONG'O. Descolonizar a mente: a política da linguagem na literatura africana. Luanda: Mensagem, 2015.

ORTIGUES, Marie-Cécile; ORTIGUES, Edmond. O Édipo Africano. Paris: L'Harmattan, 1984.

SOW, Ibrahima Mansour. Estruturas antropológicas da loucura na África Negra. Dakar: IFAN, 1978.